

ENVELHECIMENTO E PROJETOS DE VIDA: INFLUÊNCIAS DA APOSENTADORIA

Láís Piovesan¹
Anita Guazzelli Bernardes²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo principal o estudo da aposentadoria no que se refere à construção ou reformulação dos projetos de vida. Para a coleta do material foram realizadas entrevistas semiestruturadas com nove idosos aposentados da região noroeste do Rio Grande do Sul, afastados há, no mínimo, cinco anos da atividade profissional formal. Os resultados indicaram que os participantes estabeleciam com seu trabalho uma relação voltada, principalmente, à questão financeira e percebiam a aposentadoria de formas distintas. Os projetos de vida dos aposentados entrevistados mostraram-se pouco complexos quanto à necessidade de planejamento e investimento atual, o que pode indicar uma falta de perspectiva de vida devido à consciência de proximidade da morte.

Palavras-chave: Aposentadoria. Terceira Idade. Projetos de Vida.

INTRODUÇÃO

Este artigo é um estudo de caso exploratório, feito na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e tem como objetivo principal discutir a relação entre a aposentadoria e projetos de vida em idosos. Este estudo partiu das considerações acerca do fato do envelhecimento trazer consigo uma série de transformações na vida das pessoas relacionadas tanto aos aspectos físicos e psicológicos quanto aos aspectos sociais. No que tange aos aspectos sociais focaliza-se a relação com o trabalho e os projetos de vida. Para a realização desta reflexão, em um primeiro momento serão apresentadas as referências teóricas do estudo. A partir disso aponta-se a metodologia da pesquisa e a discussão acerca dos dados obtidos através da entrevistas.

1 TRABALHO E APOSENTADORIA

A aposentadoria pode ser definida como o afastamento da atividade profissional anteriormente desempenhada, após um determinado tempo de serviço, ficando o indivíduo

¹ Graduada em Psicologia pela URI e aluna da Especialização em Residência em Saúde Mental Coletiva. Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul.

² Doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil (2006), psicóloga e professora da Universidade Católica Dom Bosco.

aposentado sujeito a proventos mensais (GEHRINGER, 1998). Este acontecimento se configura como um marco importante e característico do processo de envelhecimento, visto que não acarreta consequências apenas de cunho financeiro, mas também social e psicológico. Com relação a isto, Margis e Cordioli (2001) ressaltam que a aposentadoria é vista, muitas vezes, como uma solução para os problemas quando a insatisfação e os conflitos decorrentes do trabalho são muito intensos ou então quando se pretende realizar sonhos não alcançados nas etapas anteriores da vida. Por outro lado, a aposentadoria é vivenciada por algumas pessoas como uma série de perdas, de caráter financeiro, do poder e das relações estabelecidas e mantidas através da atividade profissional.

A atividade laboral, tomada na perspectiva psicológica, é uma afirmação da autoestima e da ocupação de um papel na sociedade. Assim, a aposentadoria gera tantas consequências psicológicas devido à estreita ligação entre trabalho e reconhecimento. Com o término da atividade profissional, outros fatores acabam por se extinguir, como a magnitude das relações sociais, o reconhecimento pela profissão, a referência no trabalho (ROMANINI, KOVALESKI, XAVIER, 2005). Nesse sentido, Bee (1997) enfatiza que, enquanto a idade adulta inicial é o momento de aquisição e incorporação de novos papéis e a meia-idade é o auge da redefinição dos mesmos, o período da fase adulta tardia, ou terceira idade, é sentido como momento de abandono de muitos dos papéis assumidos até então. Aqueles papéis que continuam sendo desempenhados já não possuem tantas expectativas, conteúdo e deveres.

O trabalho, além de ser fonte de sustento e de sobrevivência, tem sido fonte de relações sociais, de *status* e de poder. A sociedade capitalista na qual vivemos tende a valorizar a força de trabalho, a produtividade, o valor das pessoas costuma ser avaliado conforme o papel profissional e a função que esta desempenha no ambiente social (SANTOS, 1990). O trabalho aparece na vida do ser humano como constituinte de significado, a pessoa é vista a partir do papel que desempenha, ele é o principal organizador da vida humana, é ele que determina grande parte dos horários, compromissos, atividades e relacionamentos (ALBUQUERQUE; LOBO; RAIMUNDO, 1999).

É importante considerar que a aposentadoria configura-se como um momento de luto, um momento no qual o indivíduo deve empregar seus mecanismos adaptativos a fim de enfrentar as mudanças que podem ocorrer em outras áreas da vida como consequência desta perda (PESSOA, 2005). A aposentadoria se caracteriza por ser um período de transformações, no qual a família e os amigos desempenham papel fundamental. Pois há, neste momento, uma retomada para a vida pessoal, muitas vezes, deixada de lado devido às exigências profissionais. Nesse sentido, Romanini, Kovaleski e Xavier (2005) referem que muitos

autores apontam dois meios de equilíbrio do ser humano: a esfera profissional e a esfera familiar. Com a chegada da aposentadoria, o primeiro é extinto, assim há uma retomada dos vínculos familiares e afetivos.

De acordo com Leite (1993), os principais efeitos negativos da aposentadoria costumam ser psicológicos, domésticos e familiares. O primeiro refere-se ao sentimento do aposentado de perda de referências; o segundo é decorrente da presença permanente do aposentado em casa, o que acaba prejudicando a rotina do lar; o terceiro provém do contato mais intenso com os familiares, que acaba provocando ou agravando os conflitos.

2 APOSENTADORIA E PROJETOS DE VIDA

O projeto de vida consiste na elaboração de planos e metas através dos quais as pessoas visualizam o futuro e os caminhos que precisam seguir para atingir seus objetivos. Os projetos de vida devem estar em consonância com os valores da pessoa, caso contrário, esta dificilmente se sentirá satisfeita. É importante considerar que, assim como os valores, os projetos de vida também se modificam ao longo da vida à medida que as capacidades, habilidades e potencialidades também passam por transformações. Muitas pessoas constroem sua identidade a partir da atividade profissional que desempenham, estas passam a se pensar através da sua relação com o trabalho. Desse modo, os projetos de vida e as expectativas dessas pessoas costumam se desenvolver, também, em torno do trabalho. Para estas, a aposentadoria tende a provocar maior ansiedade e dificuldade de adaptação à nova realidade. No entanto, mesmo aqueles que possuem um planejamento de vida que vai além do campo de trabalho não estão livres de experimentar certo grau de ansiedade diante da aposentadoria por esta se caracterizar como um evento gerador de mudanças significativas (FRANÇA, 1999).

Quando os projetos de vida de uma pessoa se restringem ao campo do trabalho, o distanciamento da atividade laboral pode significar a perda das expectativas e dos planos para o futuro. Isso dificulta a adaptação do indivíduo às mudanças decorrentes da aposentadoria, uma vez que é a continuidade ou a revisão dos projetos de vida que fornece ao aposentado condições para enfrentar objetivamente as situações frustrantes pelas quais, possivelmente, irá passar. Nesse sentido Frankl (1999) ressalta a importância de o idoso ter um sentido para viver, a fim de que possa superar os acontecimentos desagradáveis e acrescenta que só tem um sentido na vida aquele que planeja o futuro, que tem projetos para sua vida.

Outro aspecto relevante a ser considerado acerca da importância do estabelecimento de um projeto de vida é sua relação com o conceito de resiliência. O termo resiliência, quando

aplicado à Psicologia pode ser entendido como a “capacidade de o indivíduo, ou a família enfrentar as adversidades, ser transformado por elas, mas conseguir superá-las” (PINHEIRO, 2004, p.68). De acordo com Pinheiro (2004), diversos autores têm concordado que, dentre as condições do indivíduo que possibilitam maior resiliência estão a expectativa de sucesso no futuro, o comportamento direcionado para metas e o engajamento nas atividades. Assim, uma das estratégias de resiliência pode ser a participação do idoso em grupos de terceira idade

Um estudo realizado por Trentini et al. (2005) indicou que a participação dos idosos em grupos de convivência contribui para a construção de uma nova perspectiva de vida. Esses grupos proporcionam ao idoso um espaço de troca de experiências, descoberta de qualidades pessoais, manutenção dos relacionamentos sociais, aprendizado e reflexão. À medida que proporcionam condições para a formação de um projeto de vida, esses grupos possibilitam que o idoso encontre maneiras saudáveis de enfrentar as situações adversas. Nesse sentido, os grupos de convivência podem servir como substitutos da atividade profissional no que se refere à ocupação de um papel e o reconhecimento social. Além disso, os grupos, assim como o trabalho, constituem-se como organizadores na vida do indivíduo, ou seja, estabelecem horários, compromissos e tarefas, oferecendo condições para o desenvolvimento de novos projetos para o futuro e perspectivas de vida voltadas a essas atividades, que antes se organizavam em torno do trabalho.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo teve um caráter exploratório e caracterizou-se por uma perscrutagem qualitativa. A pesquisa foi realizada com idosos pertencentes aos municípios de Frederico Westphalen e Erval Seco, ambos localizados no noroeste do Rio Grande do Sul. Participaram do estudo 9 (nove) idosos aposentados, de ambos os sexos, com mais de 60 anos de idade e afastados da atividade profissional formal há, no mínimo, 5 (cinco) anos. Dos 9 (nove) participantes, 4 (quatro) são frequentadores de grupos da terceira idade, enquanto os outros 5 (cinco) não frequentam tais grupos. Optou-se por entrevistar idosos participantes e não participantes de grupos de terceira idade devido às informações encontradas na literatura apontar diferenças no modo de vida dos idosos participantes e não participantes. A escolha dos entrevistados foi feita por conveniência, ou seja, considerou-se a facilidade de acesso aos idosos. A coleta do material foi feita através de uma entrevista semiestruturada realizada individualmente, depois da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As

entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas de forma literal. Os trechos das entrevistas utilizados neste artigo aparecem em *itálico*.

Outro aspecto importante a ser considerado é o tipo de trabalho realizado pelos participantes, visto que este interfere no modo como a aposentadoria será percebida e vivida, esta questão, no entanto, será melhor discutida no decorrer do texto. A profissão dos entrevistados será apresentada conforme o relato do próprio sujeito, ou seja, será considerada a profissão do participante aquela referida por ele, sem que tenha havido uma verificação em algum tipo de documento. As ocupações referidas foram: professora, merendeira, motorista, eletricista, agricultor, proprietária de uma loja (é o caso de duas participantes), doméstica, costureira e pedreiro. Este último, além de ser pedreiro, chefiava uma equipe de trabalhadores (pedreiros). Os nomes utilizados na discussão são fictícios, de modo a preservar a identidade dos participantes.

Esta pesquisa é um estudo de caso e foi utilizado para os procedimentos de análise de dados a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (1979). Emergiram das entrevistas as seguintes categorias: relação com o trabalho, momento da aposentadoria, atividades cotidianas e perspectivas para o futuro. No entanto, devido à alta correlação entre as categorias, estas serão apresentadas e discutidas sem que haja uma separação metodológica entre elas.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A forma como o sujeito vai perceber a aposentadoria está intimamente relacionada ao tipo de trabalho e, principalmente, à relação que se estabelece com o mesmo, fazendo com que este se torne fonte de prazer ou desprazer (MOREIRA, 2000). A partir das entrevistas pôde-se perceber que o trabalho está atrelado, principalmente, à questão financeira, ou seja, à aquisição de bens que possibilitam a sobrevivência própria e da família, mas não deixa de ser um meio de reconhecimento da própria capacidade e dedicação. Um exemplo disso é o comentário do entrevistado Pedro, que quando questionado acerca da importância do trabalho, refere que: “... importância dá pra dizer que tem pois é onde a gente se sustenta.”. No entanto, este mesmo participante ao comentar: “... e ensinei outros a trabalhar também e tão fazendo bem. Quando aprenderam, aprenderam bem, então ta bom assim” deixa claro que há outros aspectos relacionados à atividade profissional que a tornam tão importante na vida do ser humano. Acerca da importância do reconhecimento no território do trabalho, Dejours (1999) considera que, ao mesmo tempo em que a atividade laboral pode ser fator de alienação e

descompensação psíquica ela pode significar a possibilidade de emancipação e ser fonte de saúde e prazer. Disso dependerá o reconhecimento que o sujeito recebe pelo seu trabalho, pois é o reconhecimento que dá sentido ao sofrimento do trabalhador, em suma, é o reconhecimento que permite a transformação do sofrimento em prazer.

Em relação à importância social do trabalho, é relevante que se faça uma distinção entre utilidade social e reconhecimento. A utilidade social é atribuída àqueles trabalhadores que realizam atividades que exigem mais força física do que intelectual, trabalhadores que segundo Sieyès, são, por vezes, considerados “instrumentos bípedes”. Por outro lado, o reconhecimento é conferido àqueles trabalhadores “detentores” do poder-saber (CASTEL, 2004).

Além do reconhecimento, o trabalho está associado à abertura para novas possibilidades e ao aprendizado diário, o que pode ser ilustrado pela fala da entrevistada Ana: “Mesmo que você já tenha curso... diariamente você aprende com o aluno, com o adolescente, com quem se trabalha né. Então a gente vai acumulando experiências e isso pra mim foi muito bom, me deu, assim, oportunidades diferentes.”. O trabalho, exceto na atividade doméstica, é um ato genuinamente social, sendo assim, o trabalhador ocupa um espaço público e se constitui como pessoa pública (CASTEL, 2004). Sendo o trabalho uma atividade social, o trabalhador está constantemente em relação com outras pessoas, trocando experiências e informações, compartilhando dificuldades, buscando soluções e, dessa forma, criando um ambiente no qual aprendizado é facilitado.

Jaccard (1969, p. 135), ao se referir ao trabalho, acrescenta “Ele implica não somente uma reflexão contínua, uma aprendizagem constante, mas ainda a consciência da sua finalidade, da obra a concluir e dos meios próprios para realizar esta obra”. Referente a isto, pode-se pensar que a fala da participante Ana ilustra a ideia de finalidade no fazer profissional : “...gostei muito de trabalhar, eu vivi a minha missão dentro do magistério”. Além disso, a palavra missão traz consigo a conotação do trabalho como dever, como obrigação do ser humano. Nesse sentido, Jaccard comenta que pensadores como Homero, Hesíodo e outros trágicos já consideravam que a felicidade só era possível ao homem se este cumprisse o seu destino, que é justamente o de conceber uma obra e realizar, através do intelecto e do trabalho, todas as virtualidades e possibilidades do ser e tudo aquilo que está contido na abundância do mundo e da vida.

O trabalho pode se tornar fonte de desprazer, como no caso da entrevistada Glória: “Eu fiquei sozinha, enviuvei né, daí já não tinha ajudante e trabalhar sozinha era muito cansativo, era uma prisão pra mim, daí eu vendi pra ficar livre”, quando as potencialidades e a

criatividade do trabalhador não são aproveitadas, quando há uma rigidez hierárquica, falta de participação nas decisões, pouca perspectiva de crescimento entre outros (FERREIRA, MENDES, 2001). No caso dessa entrevistada, o sofrimento pôde ser eliminado através de uma iniciativa que não é viável à maioria dos trabalhadores, o afastamento da atividade laboral. Esta não é uma alternativa possível para aqueles indivíduos que têm o trabalho como único meio de sobrevivência. Estes dependem do trabalho e, por isso, acabam, muitas vezes, se submetendo a situações geradoras de muito sofrimento. Dejours (1994) coloca que há dois tipos de sofrimento: o criador e o patogênico. O sofrimento criador é percebido quando as ações do trabalhador dão conta de modificar o sofrimento, contribuindo para o aumento da resistência diante de situações estressoras. Já o sofrimento patogênico surge quando não há mais possibilidades de resolução do conflito ou modificação da situação geradora de sofrimento, neste caso, aparece no trabalhador a sensação de incapacidade.

O trabalho representa para o ser humano tanto a possibilidade de aquisição de bens materiais quanto de bens sociais, tornando-se aspecto importante e influente na qualidade de vida e bem-estar do trabalhador. Carlos, quando questionado acerca da importância do trabalho em sua vida referiu: “O importante é que eu tinha, é fazer os meus amigos, as pessoas, meus familiares se sentirem bem né, sempre fazer o melhor pra todos, pros empregados que eu tinha né”. A relevância global do trabalho pode ser pensada a partir da noção de trabalho como a mais importante das atividades humanas, visto que é capaz de responder tanto às necessidades básicas de subsistência quanto de sociabilidade e de expressão pessoal. Diante da magnitude do trabalho é que se justifica o seu caráter permanente, sob as mais diversas formas e diante de constantes modificações: manual ou intelectual, obrigatório ou permanente, interessado ou gratuito (JACCARD, 1969).

Conforme exposto anteriormente, o modo como o sujeito se relaciona com o trabalho irá interferir na forma como a aposentadoria será vivida e os projetos de vida serão construídos, ou não. A aposentadoria é percebida pelos entrevistados de formas distintas. Enquanto uns a associam, imediatamente, à questão financeira, outros enfatizam a questão social do trabalho, no que se refere, principalmente, ao reconhecimento. Esta questão está intimamente relacionada ao modo como o sujeito vai vivenciar este momento. Nesse sentido, a aposentadoria apresenta, segundo os participantes, aspectos positivos e aspectos negativos. Os aspectos positivos que acompanham a aposentadoria são: a tranquilidade, ou seja, o término das preocupações financeiras, a disponibilidade para permanecer por maior período de tempo com a família, a recompensa financeira por vários anos de dedicação ao trabalho e o retorno do investimento (contribuição) anterior.

No que se refere à tranquilidade trazida pela aposentadoria, pode-se utilizar a fala do entrevistado Paulo: “A minha vida mudou porque eu não tenho mais preocupação”. Outra fala é a do entrevistado João: “Eu, até a hora que eu não tava aposentado eu tinha aquela preocupação, como é que vai ser daqui pra frente?”. Esse discurso remete à ideia da aposentadoria como fonte de segurança, segurança esta que o trabalho, talvez, não tenha sido capaz de proporcionar. Nesse sentido, é válido considerar que o trabalhador que recebe um salário mensal fixo (ou estável) e está de acordo com a legislação trabalhista, tem uma série de direitos e certa segurança, pois lhe é possível fazer um planejamento orçamentário, visto que há como prever o que será ganho no futuro. Por outro lado, há os trabalhadores que não possuem uma renda fixa, como é o caso de pequenos agricultores, que estão à mercê das adversidades climáticas e de uma série de outros fatores que interferem na produção e, conseqüentemente, no rendimento financeiro. Estes trabalhadores dificilmente terão com o trabalho uma relação de tranquilidade e segurança devido à impossibilidade de prever quais serão as condições financeiras do próximo mês. A respeito disso, Castel (2004) salienta que, a proteção aos direitos do trabalhador, bem como a segurança proporcionada por um salário digno, possibilitam ao indivíduo o investimento em outras atividades como o lazer e a educação.

Ao constatarmos a importância da segurança financeira na vida do trabalhador, pode-se pensar que a aposentadoria aparece na vida dos idosos como suporte que promove, não apenas, a tranquilidade em relação ao amanhã, mas que possibilita o planejamento das ações futuras ou mesmo de um projeto de vida baseado em uma previsão orçamentária.

A aposentadoria percebida como recompensa, tanto da dedicação quanto do investimento financeiro aparece em diversos outros estudos e pode ser ilustrada com a fala do E9: “Olha, é tão bom ter que pagar os 35 anos corretamente e depois chega o dia de se aposentar e começar a receber sem trabalhar. Porque é um dinheiro que a gente já pagou, ele vem de volta, que a gente já contribuiu”. Nesse sentido, na percepção dos entrevistados, mesmo após a aposentadoria, o reconhecimento social se mantém. Se outrora o reconhecimento vinha das relações de trabalho, após a aposentadoria ele passa a ser representado por aquilo que as relações de trabalho possibilitaram, o recebimento mensal da aposentadoria.

A disponibilidade para permanecer mais tempo com a família pode ser entendida de acordo com Pessoa (2005). A autora considera que, no momento da aposentadoria, geralmente, ocorre um retorno à vida pessoal, visto que há diminuição, se não a extinção, do investimento na atividade profissional. Nesse sentido, a fala da E2 expressa bem essa

situação: “... mudou muita coisa, porque daí a gente não precisou mais sair de casa, deu pra ficar perto dos filhos...” e corrobora a afirmação de Romanini, Kovaleski e Xavier (2005) de que, segundo diversos autores, há dois meios para o equilíbrio do ser humano, a esfera profissional e a esfera familiar. Assim, com o afastamento da atividade profissional há um fortalecimento dos vínculos familiares e afetivos.

Os aspectos negativos da aposentadoria apresentados pelos entrevistados referem-se à diminuição da produtividade, às dificuldades diante de uma situação que provoca mudanças e a ansiedade frente à impossibilidade de trabalhar.

Segundo Moreira (2000), o trabalho, além de significar um meio de sobrevivência do ser humano, consiste em uma possibilidade de preenchimento do tempo livre. Desse modo, a diminuição da produtividade acaba por resultar no aumento do tempo livre dos aposentados, tornando necessário o replanejamento das atividades e, conseqüentemente dos projetos de vida. Ao se aposentar o idoso afasta-se de um dos principais organizadores da vida humana, o trabalho, e perde a obrigação de ter que organizar seus horários e atividades em torno do trabalho. Esse é um dos principais aspectos que fazem da aposentadoria um acontecimento gerador de mudanças. Diante dessas mudanças surge a necessidade de adaptação, o que pode gerar certo grau de ansiedade no sujeito. Assim, torna-se importante que o idoso tenha a capacidade de resiliência, para conseguir transformar um acontecimento ansiogênico em algo que contribua para seu crescimento pessoal sem adoecer.

Além disso, é importante considerar que os efeitos da aposentadoria vão se modificando com o tempo. De acordo com a Ana: “... o primeiro mês que a gente tá em casa vai fácil, mas depois a gente quer sair, quer ver um emprego, quer trabalhar, quer se dedica. Porque esse passo aí da aposentadoria pra calma, pra inércia é forte pra gente que trabalha.”, “Aí quando você chega e fica você toma aquele baque, certo, mas depois você vai superando”. Estas falas ilustram a importância de o idoso ter investido em outros aspectos de sua vida e não apenas no trabalho. Só assim terá subsídios que o ajudem na adaptação à sua nova situação de vida. Os Programas de Preparação para a Aposentadoria podem contribuir nesse sentido à medida que, ao promoverem reflexões acerca dos diferentes âmbitos da vida do idoso, abrem uma série de possibilidades de atividades e planos para o futuro que não estão atrelados apenas ao trabalho.

Quanto à ansiedade frente à impossibilidade de trabalhar é importante considerar que este aspecto foi trazido por um idoso aposentado por invalidez e que relata ter tido que se mudar da zona rural para a zona urbana devido à ansiedade que lhe causava ver a esposa trabalhando e não poder ajudá-la. Neste caso há um diferencial, pois a aposentadoria veio

acompanhada pela impossibilidade do trabalho, o que não apareceu nas outras entrevistas, nas quais os idosos referiam ter investido em outras atividades de trabalho informal. Um estudo realizado por Merlo et al. (2003) demonstrou que, o afastamento do trabalho devido ao adoecimento, envolve além da dor física, a dor psíquica devido à perda do reconhecimento, a decepção pela exclusão do ambiente de trabalho, a necessidade de provar que a dor física é real entre outros. Os projetos de vida de pessoas aposentadas por invalidez, também, devem passar por mudanças, de modo a se tornarem adaptados às novas condições físicas do sujeito. Além disso, é importante considerar que uma aposentadoria por invalidez não modifica, somente, a relação que o sujeito estabelece com o trabalho, mas também a relação desse sujeito com o próprio corpo que se tornou incapaz na realização de atividades anteriormente realizadas.

O afastamento da atividade profissional provoca, entre outras coisas, um aumento na disponibilidade de tempo dos aposentados. Nesse sentido, buscou-se conhecer quais atividades estão presentes no cotidiano dos idosos, visto que essas apontam o tipo de perspectiva que o aposentado tem para o seu futuro. A fala a seguir, da entrevistada Maria, explana esta ideia de que o futuro é construído a partir do presente: “Nosso futuro, não temos muito, porque não fizemos o futuro, esquecemos de fazer o futuro”. Esta fala traz consigo a ideia da impossibilidade de planejar o futuro na etapa atual da vida dessa entrevistada, ou seja, se o futuro não foi preparado enquanto ela era mais jovem, agora não há mais o que fazer. O projeto dessa entrevistada é comprar uma moto, ou seja, é algo aliado à aquisição de um bem e não à modificação das condições de vida ou algo que envolva um planejamento elaborado e em longo prazo. Nesse sentido Beauvoir (1990, p. 466) coloca que os idosos percebem-se como tendo “um futuro limitado, um passado imobilizado” e que a consciência da finitude, cada vez mais presente, afeta os planos desses idosos. Seus planos, geralmente, têm a possibilidade de serem realizados em curto prazo e não têm a pretensão de modificar a história de vida dessas pessoas, visto que elas sentem como se sua vida já estivesse sido feita e vivida, sem a possibilidade de ser refeita.

As atividades que mais apareceram no cotidiano dos aposentados foram aquelas relacionadas aos cuidados domésticos, à manutenção das amizades (visitas, encontros com os amigos entre outros), ao lazer, à espiritualidade e à realização de algum tipo de trabalho informal, como a produção de objetos de crochê e tricô.

As atividades domésticas foram referidas tanto por homens quanto por mulheres. As mulheres realizam atividades relacionadas à limpeza e à manutenção da casa, enquanto os homens realizam pequenos concertos, construção de pequenos objetos e atividades de

jardinagem. As atividades de manutenção das amizades são visitas aos amigos, conversas diárias com os amigos, encontros para jogos de baralho e bailes com os amigos. Estes últimos podem ser considerados, também, atividades de lazer, bem como a participação em grupos de danças étnicas. Referente à espiritualidade percebe-se um investimento em atividades voltadas à igreja, principalmente na organização das missas, dos cantos, visitas a doentes e à catequização.

As atividades relatadas referentes a um trabalho informal são a confecção de objetos e vestimentas de crochê e tricô e a realização de atividades informais nomeadas de “bicos”. Essas atividades representam na vida do idoso tanto um benefício financeiro quanto a ocupação do tempo livre, que se torna, consideravelmente, maior depois da aposentadoria. A partir disso, cabe salientar que o trabalho informal após a aposentadoria pode estar associado à centralidade que o trabalho tem na vida dessas pessoas e uma estratégia de resiliência diante do afastamento da atividade profissional formal. Nesse sentido, Moreira (2000) explana que muitos aposentados vivem suas vidas em função de sua profissão e, por isso, têm dificuldades em realizar atividades que não estejam relacionadas ao trabalho. Nestes casos, pode-se pensar que o afastamento da atividade profissional ocasiona uma falta de referências e, possivelmente, uma sensação de vazio.

Dos entrevistados, 4 (quatro) são frequentadores de grupos da terceira idade enquanto os outros 5 (cinco) não frequentam tais grupos. Nesse sentido, cabe considerar que não houve diferença quanto às atividades cotidianas e quanto aos projetos de vida apresentados pelos frequentadores e pelos não frequentadores, a não ser aquelas atividades proporcionadas pelo próprio grupo, como por exemplo, a participação em bailes. Conforme Moreira (2000) e Trentini et al. (2005) os grupos de terceira idade podem se constituir como substitutos da atividade profissional, por delegarem tarefas, compromissos, estabelecerem horários entre outros aspectos à vida do idoso e, também, estimular a criação de um projeto de vida através de atividades que trabalhem as potencialidades do ser humano. Nesse sentido, pode-se pensar que não foram percebidas diferenças entre participantes e não participantes devido ao tipo de atividade proposta pelos grupos, que se restringiram à realização de bailes e, esporadicamente, de palestras e jogos.

Assim como o momento da aposentadoria, a perspectiva quanto ao futuro variou bastante de um entrevistado para o outro. No entanto, os aspectos referentes à saúde e às limitações físicas do envelhecimento foram as que mais apareceram. Falas como a da entrevistada Maria demonstram uma perspectiva para o futuro associada à saúde “O meu futuro eu penso assim, quero ter bastante saúde ainda pra viver com meus netos...”. Outra fala

é a da entrevistada Ana “Eu imagino pra mim um futuro tranquilo. Graças a Deus sempre tive boa saúde e espero continuar tendo”. Estas falas sugerem uma boa perspectiva para o futuro, diferente do comentário de Glória, que indica preocupação quanto às limitações advindas do envelhecimento “... ta chegando a velhice, problema de doença... tenho problema de coração, posso durar muitos anos, como posso morrer também né, a gente não sabe que futuro que vai ter.”. É importante considerar que esta percepção quanto ao futuro está associada às condições físicas atuais dos entrevistados. Pôde-se perceber que, aqueles que apresentam boas condições de saúde, imaginam-se saudáveis no futuro. Por outro lado, aqueles que já apresentam dificuldades de saúde, tendem a presumir que terão uma série de limitações físicas no futuro.

O desejo de permanecer próximo à família também apareceu mais de uma vez nas entrevistas. Quando questionado acerca dos planos que tem para o futuro, o entrevistado Paulo referiu que não tinha, queria apenas: “... cuidar da véia”. A fala da entrevistada Joana, referente aos planos de vida, também traz a família “Ah, eu queria muito morar perto do meu filho... No que eu puder eu vendo aqui” . No que se refere à família é importante considerar que, muitas vezes, os projetos de vida dos idosos são relacionados aos filhos, ao sucesso, ao estudo desses filhos, o que demonstra a falta de investimento em si mesmos. É como se esses idosos se sentissem incapazes de produzir, restando aos filhos a possibilidade de dar continuidade àquilo que fora ensinado e, de certa forma, à vida dos pais. Um exemplo disso é a fala da entrevistada Ana: “Projeto de vida a gente sempre tem em relação aos filhos... que eles sejam felizes, que tenham seu bom emprego, que elas possam constituir uma família... Esse é meu maior sonho”. O fato de os planos de Ana estarem associados aos filhos, pode ser pensado, a partir de Beauvoir (1990), como o desejo de dar continuidade a sua vida mesmo depois da morte, ou seja, a formulação de planos que podem ir além da própria morte podem significar o desejo de romper a noção de finitude.

A situação financeira apareceu como fator que interfere nos projetos de vida. Através da fala do entrevistado João pode-se perceber o quanto o futuro está atrelado à questão financeira “Barbaridade, o futuro não ta fácil. Pra viver de salário mínimo não ta fácil... Sonho daqui pra frente não ta fácil”. Nesse sentido Barreto (1992) considera que, o momento da aposentadoria pode representar para os idosos de classe alta a possibilidade de desfrutarem de prazer e realizarem seus planos. Por outro lado, a realização dos planos e projetos dos aposentados de classe econômica baixa torna-se limitada, desde que estes projetos dependam de um investimento financeiro. Referente a isso, a entrevistada Cláudia considera que, devido às dificuldades financeiras, pode ter a necessidade de voltar a trabalhar. Nesse sentido, seus

planos são de realizar a mesma atividade que desempenhava antes da aposentadoria ou então se dedicar a outra atividade da qual sempre gostou.

O trabalho informal e a produção de roupas e pequenos objetos apareceu tanto nas atividades cotidianas como nos planos dos entrevistados. A entrevistada Joana indica esse desejo através da fala: “Eu acho que, que eu quero continuar trabalhando até não poder mais”. Esse tipo de perspectiva indica a centralidade que o trabalho ocupa na vida dessas pessoas e o quanto elas se sentem bem produzindo. Cabe ressaltar que essa entrevistada não é remunerada por seu trabalho e as atividades que realiza são o crochê e o bordado. Isso, também, pode ser pensado a partir da importância do trabalho na ocupação do tempo livre desses idosos. Sendo este um dos fatores que, segundo Moreira (2000) concede ao trabalho tamanha importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o objetivo de compreender a repercussão da aposentadoria na vida do idoso no que se refere à (re) formulação dos projetos de vida, pôde-se perceber que, de forma geral, os idosos não apresentam projetos de vida que exigem um maior grau de planejamento. Em sua maioria, os idosos entrevistados relatam ter o desejo de que algo lhes aconteça no futuro, mas não demonstram uma preparação e um investimento pessoal na realização desses sonhos ou desejos. Essa falta de investimento, planejamento e preparação pode aparecer devido àquilo que já fora comentado anteriormente, a consciência da finitude, que se faz presente na vida do idoso de forma mais intensa e constante do que em outras etapas do desenvolvimento humano. A respeito disso, Beauvoir (1990, p. 465) coloca que, para o idoso “O futuro não está mais inchado de promessas, contrai-se na medida do ser finito que tem que vivê-lo”. Alguns dos entrevistados corroboram este entendimento ao afirmarem que já fizeram o que havia para ser feito, como é o caso do aposentado Paulo “...eu não pretendo fazer mais nada...eu fiz bastante”. É importante considerar que este participante tem 80 anos, sendo o mais velho dos entrevistados. Este pode ser um fator que contribuiu para tal percepção, de que não há mais nada a ser feito.

A respeito do fator idade, é relevante salientar que este não foi considerado de forma aprofundada na análise. No entanto, sugere-se que estudos posteriores possam contemplar tal aspecto de forma mais detalhada, promovendo comparações entre os projetos de vida de idosos de diferentes idades.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de que, a maioria dos aposentados entrevistados trabalhou grande parte de sua vida realizando atividades pouco reconhecidas

socialmente, o que pode ter influenciado na maneira como percebem a aposentadoria e formulam seus projetos de vida. Nesse sentido, pôde-se perceber que os projetos de vida dos entrevistados não apresentam a necessidade de um grande dispêndio de dinheiro, talvez, devido às condições financeiras desses idosos.

Dos 9 (nove) entrevistados, 3 (três) incluem em seus projetos de vida atividades voltadas ao trabalho formal, 1 (um) deles motivado pela necessidade, os outros 2 (dois) pelo desejo. Isso pode demonstrar que a aposentadoria não representou na vida dessas pessoas um marco de separação entre o trabalho e o “não-trabalho” e que eles, de certa forma, pensam-se através do trabalho, ou seja, têm o trabalho como ponto de referência em suas vidas.

Por fim, cabe considerar que a compreensão do impacto causado pela aposentadoria nos projetos de vida do idoso envolve o estudo de uma série de fatores como a classe sócio-econômica do sujeito, sua relação com o trabalho, sua relação com a família, suas atividades diárias, sua idade entre outras coisas. Além disso, tal compreensão pode ser melhor obtida através do conhecimento dos projetos de vida que os idosos tinham antes de se aposentar e quais eles apresentam atualmente.

AGING AND LIFE PROJECTS: RETIREMENT INFLUENCES

ABSTRACT: This work has as its main objective the study of retirement and the construction and change of life projects. Data collection was made through semi-structured interviews with 9 (nine) retired aged from the northwest of Rio Grande do Sul, who have been far from professional activity for 5 (five) years at least. The results points that the participants established, with their jobs, a relation in which the financial question prevails and that they perceive retirement in different ways. Life projects from the retired people whot were interviewed showed an insignificant amount of concern about the need of planning and investment. This shows a lack of life perspective due to the conscience with death proximity.

Keywords: Retirement. Old Age. Life Projects.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, F. J. B.; LOBO, A. L.; RAYMUNDO, J. da S. Análise das repercussões psicossociais decorrentes da concessão de benefícios rurais. **Psicologia Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 12, n. 02, p. 503-528, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARRETO, M. L. **Admirável mundo velho**: velhice, fantasia e realidade social. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEE, E. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CASTEL, R. **Las trampas de la exclusión**: trabajo y utilidad social. Buenos Aires: Topía, 2004.

DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor: atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. **Estudos em Psicologia**. v. 6, n. 1, p. 93-104, 2001.

FRANÇA, L. Preparação para a aposentadoria: desafios a enfrentar. In: VERAS, R (Ed). **Terceira idade**: alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UnATI, 1999, p. 11-33.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GEHRINGER, M. **Relações desumanas no trabalho**: da primeira entrevista à aposentadoria. Salvador, BA: Casa da Qualidade, 1998.

JACCARD, P. **Psicossociologia do trabalho**. Moraes Editores, 1969.

LEITE, C. B. **O século da aposentadoria**. São Paulo: LTr, 1993.

MARGIS, R.; CORDIOLI, A. V. Idade adulta: meia-idade. In: EIZIRIK, C. L.; KAPCZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. S. (Orgs). **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001, p. 159-167.

MERLO, A. R. C. et al. O trabalho entre prazer, sofrimento e adoecimento: a realidade dos portadores de lesões por esforços repetitivos. **Psicologia e Sociedade**. v. 15, n. 1, p. 117-136, 2003.

MOREIRA, M. M. da S. **Trabalho, qualidade de vida e envelhecimento**. Dissertação de Mestrado. Fundação Osvaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 2000. 100 p.

PESSOA, Ê. B. **Aposentadoria e depressão: um estudo sobre a terceira idade**. Manaus, 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso II. Centro Universitário Luterano de Manaus, 2005. Disponível em: <<http://www.ulbra-mao.br/>>. Acesso em: 18 Maio 2007.

PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 1, n. 9, p. 67-75, 2004.

ROMANINI, D. P.; KOVALESKI, J. L. e XAVIER, A. A.de P.. Aposentadoria: período de transformações e preparação. **Revista Gestão Industrial**. v. 1, n. 3, p. 91-100, 2005.

SANTOS, M. de F. de S. **Identidade e aposentadoria**. São Paulo: EPU, 1990.

TRENTINI, M et al. Enfrentamento de situações adversas e favoráveis por pessoas idosas em condições crônicas de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 38-45, 2005.